

## TROIAE QUI *PRIMUS* AB ORIS?

---

*Luís M.G. Cerqueira*  
Universidade de Lisboa

Mais fácil seria roubar a moça a Hércules que surripiar um verso a Homero, terá dito Vergílio aos que o acusavam de plagiar o épico grego. Algo de semelhante se passa com a tradução da *Eneida* para vernáculo. A extraordinária beleza do original, sobretudo a que resulta da sonoridade expressiva do verso, está fora do alcance de qualquer tradutor. Como transmitir em qualquer outra língua que não o Latim a impressionante solidão e solene majestade da entrada de Eneias e da Sibila nos Infernos, genialmente salientada pelo peso dos espondeus de um *Ibant obscuri sola sub nocte per umbram*? As traduções em verso serão criações válidas em si mesmas, mas não poderão nunca dar conta de um elemento expressivo intrínseco, inalienável e fundamental do poema.

Mesmo a um nível menos transcendente, o do significado preciso de uma determinada palavra, surgem múltiplas dificuldades, apesar de séculos de comentários.

Arma uirumque cano Troiae qui primus ab oris  
Italiam uenit Lauiniaque litora.

Versos amados e familiares, que sabemos de cor, e esta proximidade ao coração impede-nos, juntamente com a sua esmagadora grandeza intrínseca e o profundo respeito que uma tradição milenar infunde, de nos distanciarmos deles o suficiente para reflectirmos e nos interrogarmos. Todavia é necessário que permanentemente nos inter-

roguemos. Neste artigo debruçar-nos-emos sobre o sentido e a possível tradução de *primus*, no primeiro verso da *Eneida*.

“Canto as armas e o varão, o primeiro que veio de Tróia para Itália e para as praias de Lavínio?” Mas “primeiro”, porquê? Já os comentários antigos davam conta da dificuldade e da aparente incongruência. Sérvio nota que, no poema de Vergílio, Eneias não é o primeiro sobrevivente da guerra de Tróia a estabelecer-se em Itália, nem mesmo o primeiro Troiano, uma vez que Antenor e a sua cidade de Pádua são referidos pelo poeta pouco depois, *paulo post*, no verso 242, contradição que seria demasiado canhestra, como se infere implicitamente do *paulo post* de Sérvio. Esta incongruência é habilmente resolvida com o argumento de que, no tempo mítico em que Eneias chega a Itália, a cidade de Antenor ser considerada parte da Gália Cisalpina, evitando assim a contradição, que parece revelar um deslize do poeta, tanto menos desculpável quanto maior é a proximidade das referências<sup>1</sup>. Esta explicação, mais ou menos simplificada, foi repetida pelos séculos fora.

Mas o problema não reside, a nosso ver, no facto de ter ou não sido Eneias o primeiro sobrevivente da guerra de Tróia a chegar a Itália. Sabemos que antes dele chegaram Antenor e Diomedes; dos que eventualmente tenham chegado depois de Eneias não se ocupa sequer a *Eneida*. O problema reside na *relevância* do facto de ter sido ou não o primeiro. Porque no prómio se define o essencial do texto que se inicia, se apresenta quase toda a acção, conforme faz Homero, o *inuentor* da épica, e depois teoriza Aristóteles: “nos discursos e nos poemas épicos, os prómios apresentam uma “indicação”, uma “amostra” (*deigma*) do conteúdo global, para que os ouvintes não sejam deixados em suspenso”. E cita, inevitavelmente, os homéricos *menin aeide thea* e o *andra moi ennepe Mousa polytropon*<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> *Servii grammatici qui feruntur in carmina Vergilii commentarii*, ed. G. Thilo, Hildesheim, 1961, p. 6-7: “Qui primus quaerunt multi, cur Aenean primum ad Italiam uenisse dixerit, cum paulo post dicat Antenorem ante aduentum Aeneae fundasse ciuitatem. Constat quidem, sed habita temporum ratione peritissime Vergilius dixit. Namque illo tempore, quo Aeneas ad Italiam uenit, finis erat Italiae usque ad Rubiconem fluiuum: cuius rei meminît Lucanus et Gallica certus limes ab Ausoniis disternat arua colonis. Vnde apparet Antenorem non ad Italiam uenisse, sed ad Galliam Cisalpinam, in qua Venetia est. Postea uero promotis usque ad Alpes Italiae finibus nouitas creauit errorem. Plerique tamen quaestionem hanc uolunt ex sequentibus solui, ut uideatur ob hoc addidisse Vergilius “ad Lauina litora”, ne significaret Antenorem. Melior tamen est superioris expositio.”

<sup>2</sup> Aristóteles, *Rhetorica*, 3, 146.

Ora, neste momento decisivo de definição do carácter do herói e do assunto do poema, que importância poderá ter o facto de Eneias ter chegado a Itália antes de outros Troianos ou mesmo Gregos?

No modelo de Vergílio, o *andra moi ennepe Mousa polytropon* da *Odisseia*, a qualidade que caracteriza o herói é a sua inteligência versátil, traço fundamental na caracterização de Ulisses, elemento determinante na forma como percorre e supera as suas muitas aventuras. Então e o atributo fundamental de Eneias consiste em ter sido mais lesto do que os outros a chegar a Itália, espécie de medalha de ouro de uma maratona mediterrânica, com partida em Tróia, na terrível noite da sua destruição, e meta em Itália? Triste proémio para tão magnífica obra: aqui, ao contrário da situação horaciana, seria o rato a dar à luz a montanha.

Outra possibilidade é traduzir *primus* por “superior aos outros”, “chefe”, sendo assim salientado o estatuto superior e a liderança de Eneias. Esta tradução, frequente sobretudo nas traduções francesas modernas de maior divulgação<sup>3</sup>, estará possivelmente subjacente à versão de Camões, “As armas e os barões *assinalados*”<sup>4</sup>. Estes varões, verdadeiros *primi inter pares* não só do seu tempo mas de todos os tempos (“Cesse tudo o que a Musa antiga canta, / que outro valor mais alto se alevanta”) alcançam, “em perigos e guerras esforçados, / mais do que prometia a força humana”, um estatuto que os eleva acima do próprio tempo, pela libertação “da lei da morte”, estatuto insistentemente realçado nos primeiros versos d' *Os Lusíadas*. A superioridade destes varões relativamente aos seus contemporâneos e aos heróis de antanho é a ideia fundamental do conjunto da obra, e a proposição exprime-o clara e redundantemente.

Pelo contrário, no decisivo ribombar da nobre frase que inicia o *epos* de Vergílio, num proémio em que se fazem avançar as grandes ideias de um vasto poema, sabe a pouco dizer que Eneias chegou a Itália primeiro que os outros.

<sup>3</sup> *Oeuvres de Virgile*, F. Pessis et P. Lejay, Paris, 1919 (Hachette): “Primus, le plus notable de tous, le chef”; *Eneide*, trad. A. Bellessort, Paris, 1959, 9ªed (Belles-Lettres): “premier entre tous”. Maurice Rat, contudo, regressa à noção de anterioridade temporal, dando a explicação de Sérvio, na influente edição da Garnier-Flammarion, *L'Eneide, Traduction, introduction et notes de Maurice Rat*, Paris, 1965, p. 281: “Virgile semble ici se contredire lui-même, puisque au vers 242 il dit qu' avant Enée Anténor aborda en Liburnie et y fonda Padoue. Mais la contradiction n' est qu'apparente, car le pays des Liburnes fait partie de la Gaule Cisalpine, que les anciens ne confondaient pas avec l' Italie.”

<sup>4</sup> A possibilidade de *assinalados* resultar de uma interpretação de *primus* surgiu em conversa informal com o Professor José António Segurado e Campos.

A nosso ver, tal como nos acontece n' *Os Lusíadas*, a caracterização do herói integra-se numa ideia básica que surge disseminada por toda a proposição. E que ideia é essa? Eneias é um homem insigne pela sua piedade, um homem que sofreu privações que não merecia, mercê da inesperada cólera dos deuses. Mas esta caracterização e as injustas tribulações do herói têm um objectivo: *dum conderet urbem, inferretque deos Latium*, até fundar uma cidade e introduzir os deuses no Lácio. Orienta-se para algo maior que a figura do herói, para a criação de uma estirpe, *Vnde genus Latinum, Albani patres, alta moenia Romae*, na esplendorosa gradação sonora que acompanha com o aumento gradual da extensão dos sintagmas a amplificação do pensamento. O herói existe para fundar uma raça gloriosa, uma descendência que há-de tomar posse do mundo. As suas dificuldades, a sua piedade, tudo se orienta para um objectivo claramente definido, e enunciado ainda uma vez mais imediatamente antes de se iniciar a narração, v. 33: *tantae molis erat Romanam condere gentem*.

Por outro lado, há que considerar o macro-contexto do conjunto da obra. A *Eneida* integra-se num programa augustano que procura associar ao poder a literatura, colocada ao serviço do projecto político de restauração de Roma e de afirmação da sua missão civilizadora e dominadora sobre o orbe, conforme é expressa pela boca de Anquises no livro sexto, verdadeiro cerne e núcleo gerador do sentido do poema. Da parte do poeta, por outro lado, há uma adesão sincera aos objectivos de Augusto, *princeps* que é legitimado e glorificado através do cruzamento da lenda troiana com as lendas da fundação da Urbe, que o fazem descendente de Eneias e dos próprios deuses.

O herói existe, assim, não para si, mas para a glória de Roma, a glória do tempo de Vergílio, seu cantor, a glória que se avizinha e deseja. A unidade entre a História gloriosa de Roma e a sua génese mítica, divina não só do ponto de vista da ascendência mas também enquanto resultado da maquinaria mitológica que se move nos bastidores com uma orientação precisa, a concretização das promessas feitas por Júpiter a Vénus, e que esta lhe recorda, vincula a grandeza presente de Roma à sua origem remota e à compreensão do destino de Eneias, nomeadamente quando no canto VI se referem as almas dos grandes heróis de Roma, já presentes nas almas que hão-de reencarnar como descendentes do herói. O plano da acção épica, divina e humana, da *Eneida* é também ele como que uma alma que vai reencarnar na acção histórica dos Romanos. A *Eneida* é um mundo paralelo, que constantemente explica etiologicamente a realidade romana. Poderia-

mos alongar os exemplos, mas bastará relacionar o episódio de Dido com as guerras púnicas.

A ideia básica da proposição é, pois, a ideia base do poema: Eneias é *primus* porque é fundador de um povo que terá um destino glorioso. A principal característica de Eneias não é a sua liderança, o seu carácter de excepção, nem mesmo a sua *pietas*, mas o ser herói de uma pátria que é sobretudo futura. Eneias não existe em si mesmo, mas enquanto herói fundador. Barchiesi di-lo melhor que nós: “Nello stesso tempo, il racconto è tutto attaversato dall' attesa di un futuro *augusteo*. Il mito (...) riceve ora la funzione di “releggere” il presente *augusteo*. La responsabilità del futuro pesa sull' azione e condiziona la “libertà epica” che gli eroi virgiliani potrebbero ereditare dai predecessori omerici. La preoccupazione di un ordine da fondare investe, soprattutto, il protagonista Enea, e ne invade progressivamente l' esistenza.”<sup>5</sup>

A argumentação utilizada, baseada num contexto médio, o da ideia predominante na proposição, e num macro-contexto, o do conjunto do poema, pode ser alargada através de paralelos com outros passos vergilianos em que o contexto imediato fundamenta esta interpretação. Além dos valores de precedência temporal (seguido na generalidade das traduções) e de precedência no estatuto, i.e., superioridade, relativamente aos outros, também já referida (v.g. *primus sceptris*, 11, 236), frequentes na *Eneida*, *primus* surge várias vezes com um valor relacionado com estes, mas diferente. Enquanto os dois valores referidos separam e distinguem a entidade adjectivada daqueles ou daquilo que “vem depois”, *primus* surge por vezes com um sentido em que a entidade adjectivada se constitui não só como elemento de ligação mas como a génese, a causa, a origem, a fundamentação do que dela deriva, associado à ideia de geração, fundamentação e fundação.

Alguns exemplos: *Dardanidae duri, quae uos a stirpe parentum prima tulit tellus*, 3, 95, em que a Itália não é a “primeira” a gerar a estirpe troiana, até porque não há segunda, devendo traduzir-se por “nas origens”; *ille dies primus fuit leti primusque malorum fuit*, 4, 169, em que o dia da união física de Eneias com Dido é não o “primeiro” das desgraças, até porque foi um dia de prazer, mas a “causa”, a “origem” de muito sofrimento; *ea uox audita laborum prima tulit finem*, 7, 118, em que ao reconhecer a realização do

<sup>5</sup> Alessandro Barchiesi, “L' epos”, in *Lo spazio letterario di Roma Antica. I. La produzione del testo*, Roma, 1993, 2ªed., p. 136.

oráculo através das palavras de Julo, se compreende não uma anterioridade, mas o “início” de uma melhoria da situação dos prófugos.

Por último, um exemplo particularmente elucidativo, pois se situa num tempo mítico, instaurador e fundador de uma ordem e de uma Idade de Ouro em Itália, por uma divindade que, como Eneias, foge de um reino arrebatado por outrem:

*Primus* ab aethereo uenit Saturnus Olympo  
arma Iouis fugiens et regnis exul adeptis.  
Is genus indocile ac dispersum montibus altis  
composuit legesque dedit, Latium uocari  
maluit, his quoniam latuisset tutus in oris,  
aurea quae perhibent illo sub rege fuere saecula.

8, 319-323

Saturno é o fundador da Itália civilizada, como Eneias será o fundador da Itália civilizadora.

Não se pense, por outro lado, que atentamos de forma original e iconoclasta contra o entendimento que a tradição milenar foi elaborando. Esta interpretação que aqui fazemos surge aqui e ali, de forma mais ou menos tímida e difusa. É a justificação dada pelo autor de um escólio medieval a Sérvio, recolhido pela edição de Thilo: *uel laudatiue “primus”, ut primam qui legibus urbem fundabit, Curibus paruis*<sup>6</sup>. Em França, Benoist, embora pouco explícito, mostra ser também sensível a este significado, ao interpretar *primus* como *olim, antiquissimo tempore*<sup>7</sup>. Plessis e Lejay, salientando a noção de que Eneias é “chefe”, referem acessoriamente a noção de “origem” dos Latinos, de prefiguração de Augusto<sup>8</sup>. Em Inglaterra, o comentário de Austin, embora de forma vaga, considera a anterioridade de Eneias em Itália uma questão secundária, porque Eneias se distingue de Antenor devido ao seu estatuto de fundador da estirpe romana<sup>9</sup>. Mais claramente, Umberto Nottolo, em Itália, preconiza no seu comentário a tradução

<sup>6</sup> *Seruii grammatici qui feruntur in carmina Vergilii commentarii*, ed. G. Thilo, Hildesheim, 1961, p. 7.

<sup>7</sup> E. Benoist, *Oeuvres de Virgile*, Paris, 1882.

<sup>8</sup> *Oeuvres de Virgile*, F. Plessis et P. Lejay, Paris, 1919: “*Primus*, le plus notable de tous, le chef et la souche des Latins. Enée, ancêtre de Jules, est *primus*, comme Auguste est *princeps*.”

<sup>9</sup> R. G. Austin, *Aeneidos liber primus*, Oxford, 1971, p. 28: “Seruius notes that some critics objected that Antenor had made a settlement in Italy before Eneas reached Latium. This is pedantry; Antenor was not the founder of the Roman race, and Virgil justifiably ignores the tradition in the interests of his high theme.”

por “fondatore”<sup>10</sup>. Em Portugal, na esteira da maioria, traduzimos habitualmente por “primeiro”, quer nas traduções editadas quer nas nossas aulas de Latim. Penso que apenas uma tradução portuguesa se afasta deste entendimento, a de Félix Pereira, elemento que no entanto não pude confirmar, pelo facto de a edição que em tempos consultei se encontrar de momento inacessível..

Identificado este sentido, aceite esta interpretação, outra questão se levanta. Como traduzir? O adjectivo tem um valor adverbial, caso a que a gramática tradicional chamava “apositivo”. Fundador, na qualidade de fundador? O resultado não é propriamente empolgante. “Canto as armas e o varão que, fundador, como fundador, na qualidade de fundador?”. A forma portuguesa “primeiro” manifestava, aliás, um pouco este valor atributivo-adverbial: em “canto as armas e o varão que primeiro veio das costa de Tróia para Itália” “primeiro” pode ser entendido como “o primeiro que” ou “aquele que em primeiro lugar”, “primeiramente”.

Decidimo-nos, finalmente, pela seguinte tradução: “Canto as armas e o varão que, *nos primórdios*, veio de Tróia para Itália e para as praias de Lavínio”. Esta locução contém em si a ideia de um passado mítico que é a origem sobrenatural de um presente grandioso, devolvendo a Eneias o valor primordial que, em nossa opinião, se pretende afirmar desde o primeiro verso. Por outro lado, do ponto de vista estilístico, constitui um bom começo para um poema de estilo sublime, vinculando desde o início o interesse do leitor para o que vai seguir-se e suscitando a compreensão de que o percurso de Eneias se orienta para o surgimento de algo de novo, tem implicações que o ultrapassam e que fazem parte das preocupações do poeta. Eneias sofre em terra e no mar, como Ulisses, mas o seu esforço orienta-se para um objectivo remoto e supra-pessoal: não é um regresso a casa, é a preparação de uma pátria futura e grandiosa, ao invés de Ulisses, que apenas luta por regressar ao ponto de partida e retomar a situação de equilíbrio anterior à guerra de Tróia.

E, sobretudo, fazemos justiça a Vergílio, autor de um prómio que está de facto à altura da genialidade da sua obra.

Damo-nos conta da audácia da tradução, e de que tal opção suscitará certamente muitas críticas, mas o que importa é que deste modo nos aproximamos um pouco mais do texto vergiliano do que se traduzíssemos, como sempre se tem traduzido, “o primeiro que” veio de Tróia para Itália. E não foi também Vergílio quem disse que “*audentes fortuna iuuat*”?

<sup>10</sup> Eneide. Libro I. Introduzione e commento di U. Nottolo, Milano, 1983.